

BIOLOGIA, EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E INVERSÃO EPISTEMOLÓGICA

Kelly Meneses Fernandesⁱ

Este texto é uma tentativa em reunir algumas reflexões construídas durante uma pesquisa acadêmica, e que começaram a partir da graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas. São reflexões partindo do objetivo de pensar a desconstrução do racismo a partir do ensino superior de Ciências Biológicas. Há um tempo, mais precisamente sete anos, venho me implicando com esta temática e aqui tentarei reunir o que tenho pensado de mais recente e que creio poder ser importante para se discutir o espaço do ensino superior de biologia na educação das relações étnico-raciais. E não somente este espaço, mas também as suas inter-relações, como o ensino de ciências e biologia na educação básica.

Neste movimento de pensar a desconstrução do racismo e a Biologia, trarei à tona o modo como alguns docentes do ensino superior assumem ou já assumiram um trabalho com a questão racial. Buscarei trazer alguns argumentos a partir das conversas realizadas com estes docentes colaboradores da pesquisa que fiz no Mestrado em Educação.

É verdade que se trata de algo desafiador e novo. Novo não no sentido de novidade, mas novo, pois, ainda, é possível encontrar poucos pesquisadoresⁱⁱ graduados em Biologia se debruçando em afirmar a importância da área, especialmente o ensino de Ciências, para a educação das relações étnico-raciais. Desafiador pelo fato que na formação do professor/a de ciências e biologia e do biólogo/a de forma geral, há um silêncio quando se trata de um trabalho com a educação das relações étnico-raciais.

Estamos em um momento que é chegado a hora, pensando em desfazer toda lógica racista a partir também da educação, de repensar a biologia e o ensino superior. Não somente, porque saem de lá todos os anos professores/as de ciências e biologia, o que é uma consideração muito importante, já que o espaço da escola está necessitando, assim como todos os espaços, de uma reeducação das relações étnico-raciais. Do ensino superior de biologia também saem biólogos/as todos os anos. Por isto, também penso que estamos precisando cada vez mais de sujeitos que assumam um compromisso efetivo com a educação das relações étnico-raciais.

Alguns questionamentos são possíveis de serem feitos: por que repensar o ensino superior de biologia? Como fazê-lo? Por que tudo isso pode ajudar a aproximar a Biologia e as Ciências da questão racial? São problematizações que o texto pretende refletir. Não me compete neste texto determinar um receituário para a educação das relações étnico-raciais no

ensino superior de Biologia, bem como na educação básica. Mas, o texto pode se configurar num chamado inicial à reflexão da importância do comprometimento com a desconstrução do racismo, junto aos sujeitos graduados em Biologia, tanto aos/às docentes do ensino superior como aos/às professores/as da educação básica.

Um breve panorama

Então o que se tem hoje? Não é comum de forma geral ir a eventos que tratam sobre o ensino de ciências ou biologia, assim como a eventos específicos da área da Educação e encontrar muitas pesquisas que diretamente abordam as relações do ensino superior de Biologia como do ensino de ciências e biologia com a educação das relações étnico-raciais. O que se esconde por detrás deste número baixo de pesquisas com esta temática? Não será neste texto que responderei, mas pode ser uma provocação. Se temos nestes eventos pessoas graduandas ou graduadas em Biologia, como foram estimuladas a discutir a questão racial? Quem são ou quem foram seus orientadores/as? Penso ser importante refletir sobre estas perguntas, porque de maneira geral, não há no ensino superior de Biologia um compromisso assumido com a educação das relações étnico-raciais que abarque todas as disciplinas.

Não pude fazer uma verificação com todos os cursos de Biologia do país, mas existe uma grande suspeita, concluída a partir de pesquisas de textos acadêmicos, conversas com outros sujeitos da Biologia, que o ensino superior pouco ou nada aborda a questão racial em seus currículos. É uma constatação importante que não pretende ficar somente no ato de denúncia, mas no sentido de se pensar seriamente sobre a Biologia e suas possibilidades de auxiliar no processo de reconstrução de nossas relações étnico-raciais.

Obviamente que os cursos não são idênticos, pois são feitos de pessoas diferentes com visões de mundo diferentes, além de que nem em todos os cursos encontram-se as mesmas disciplinas. Porém, os cursos se constituíram a partir de modelosⁱⁱⁱ, que a meu ver, é importante que sejam questionados e revistos.

Considerando que a Biologia, derivada das Ciências Naturais, traz em sua história um passado na constituição de discursos racistas, então vem a pergunta: não seria papel desta área contribuir para a desconstrução destes discursos? Não seria o ensino de biologia um espaço importante na formação de professores/as e biólogos/as destinados/as também à desestruturação de uma lógica racista?

O racismo deixou marcas e ainda as colhemos nas diferentes áreas do conhecimento. Se considerarmos a área da Literatura, por exemplo, tem-se a discussão sobre a representação

negativa do negro nos textos literários. Não há necessidade de se continuar pensando, que do ponto de vista acadêmico e das áreas do conhecimento, vamos conseguir desestruturar essa lógica racista apenas entre as áreas das Ciências Humanas. Na escola também não é dever somente dos/as professores/as de História, Geografia, Artes. É também do/a professor/a de Ciências e de Biologia. Mas, como fazer isto, se o ensino superior não colabora para tal? Esta é uma questão que refletirei ao logo da apresentação deste texto

Em pensamento coletivo

As reflexões apresentadas nesta seção compõe uma pequena parte da conversa com alguns docentes do ensino superior de Biologia. Um fato é que nenhum deles tiveram em suas formações, discussões sobre a questão racial. Inclusive durante as conversas houve falas que confirmaram este silêncio. Então, como estes docentes resolvem levar para sala de aula algo que se tivessem discutido na graduação poderia dar-lhes um maior embasamento? Se ainda assim, os cursos destes docentes tivessem em acordo com a educação das relações étnico-raciais, isto não garantiria que eles trabalhariam com as questões raciais nos cursos onde hoje lecionam. Por isto, considerando esta afirmação, estes docentes, em diferentes momentos de suas vidas, escolhem trabalhar com a questão racial na graduação em Biologia, especialmente na licenciatura. Isto porque estes professores atuam em diferentes cursos de Licenciatura. Logo, não podemos perder de vista a questão da formação de professores/as de Ciências e de Biologia.

Entretanto, é importante ressaltar que as atividades que estes docentes desenvolvem ou já desenvolveram constituem-se em atos isolados, pois não compõe a grande parte das disciplinas dos currículos dos cursos onde lecionam. Mas, isto também é outra discussão.

A conversa aconteceu com docentes que atuam numa instituição pública do estado da Bahia e com um docente de uma instituição pública do estado de São Paulo. A opção pelo uso do termo *escolha* me remete às histórias que estes docentes me contaram da entrada da questão racial em sua vida, aqui incluído o meio acadêmico. Um docente de um curso de licenciatura de Biologia da Bahia aponta que sua escolha em abordar as questões raciais na sala de aula aconteceu por intervenção de estudantes negros que já discutiam estas questões:

E nisso de dar ideias pra eles darem aula, eu tinha os alunos de História, que eram alunos que participavam do NENNUEFS^{IV}. Então eles trouxeram... porque o tema era livre. Então eles apresentavam seminários. O tema era

livre. Então... foi aí que eu comecei pela apresentação deles...eu comecei a ver a importância porque eu não sei te dizer.

O que motivou esse professor a aceitar essa intervenção estudantil e reconhecer uma importância na discussão? Por alguma razão, que o professor não soube dizer no momento da conversa, ele escolheu permitir (e se permitiu a pensar) que os alunos discutissem a questão racial. Importante destacar que estes estudantes a que o professor está se referindo faziam parte dos cursos de História e de Pedagogia. Porém, na disciplina que o professor lecionava neste momento, havia também estudantes de Biologia. Os temas que estes estudantes provavelmente levaram foram historicamente acumulados pelo Movimento Negro, assim como por pesquisadores/as da questão racial. Ser sensível a estas questões e as deixar comporem o universo acadêmico, que é também mais um espaço de nossas vidas, também é dar início a um compromisso com a educação das relações étnico-raciais.

A educação das relações étnico-raciais é aqui compreendida, tendo como referencial o produzido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais:

A educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime. Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. (CNE/CP 3/2004, 2004, pp.14-15).

Se o combate do racismo não se restringe à escola, ele também se faz necessário no ambiente das universidades. A universidade aqui é entendida também como um espaço possível para a desconstrução do racismo através dos seus diferentes cursos de graduação. Por isto, a certeza de que o curso de Biologia pode contribuir para a educação das relações étnico-raciais.

Continuando com os docentes, tem-se uma professora que atua no mesmo curso que o docente da conversa anterior. Ela, em parceria com outros docentes, inclusive com o citado nos parágrafos antecedentes, criou uma atividade para uma disciplina curricular. Nesta atividade, os/as estudantes da licenciatura em Biologia, e, portanto, futuros/as professores/as, se debruçam sobre a temática relacionada à raça, ciência e literatura. É uma atividade em que

os/as estudantes apresentam à comunidade acadêmica os resultados de leituras sobre a temática Raça, Ciência e Literatura⁴, mas em diferentes momentos, também às escolas. Estes/as estudantes, portanto tem a oportunidade de terem contato com fatos históricos da relação entre raça, racismo, ciência e literatura.

A atividade inicialmente não foi pensada diretamente para a educação das relações étnico-raciais, mas considero que apresenta um potencial para tal, pois permite refletir sobre muitas coisas postas no que diz respeito às relações entre ciência e racismo.

Considero que esta é uma temática extensa. Penso que se também os/as outros/as professores/as, do curso de bacharelado ou licenciatura, também trabalhassem com essas discussões, os/as estudantes não teriam que mergulhar nestas questões de uma só vez e muito provavelmente, uma vez no curso. Aposto que as diferentes áreas do conhecimento da Biologia podem fornecer contribuições para discussões envolvendo a questão racial. Inclusive a docente destaca o fato de a temática ser extensa: “E aí a gente começa a pensar alguns temas pra botar na exposição. É uma temática árdua de estudar e ainda tinha que transformar numa temática de exposição. Eu não tinha formação pra isso”.

E ainda tem mais um agravante, mas que é comum entre os/as docentes da área: a ausência de formação para trabalhar com questões raciais. Portanto, as atividades que são realizadas, acabam refletindo o esforço de cada professor/a na leitura de temas que ao longo de sua graduação não foram discutidos.

Será que o restante do corpo docente sente-se impactado com uma atitude desta professora? E os/as alunos/as do bacharelado que não pegarão esta disciplina? Provavelmente não discutirão as questões raciais. Como um/a biólogo/a poderá identificar uma situação de racismo no instituto de pesquisa que trabalha? Esta é apenas uma pergunta sobre uma situação possível para um/a biólogo/a, o que torna importante a educação das relações étnico-raciais na sua formação também.

E se existe algum trabalho sendo feito pelos docentes da Licenciatura, existe a necessidade de se fazer uma provocação juntos aos/às docentes do Bacharelado. É importante também a formação de biólogos/as abertos/as para a desconstrução do racismo. Isto porque, como destaca Oliveira:

Como sabemos, é o ensino superior que forma o profissional para educação básica. Então esses currículos também devem ser alterados. E, além disso, a gente pensa em todos os cursos de graduação, por que a Resolução N° 1 há referência a instituições de ensino superior para que adotem o conteúdo do Parecer 03 de 2004, em todas as disciplinas de todos os cursos que ministram. O Parecer faz referência não somente aos cursos de

Licenciaturas, mas a todos os cursos de graduação. (OLIVEIRA, 2013, pp.192-193).

Outro docente que nos ajuda a pensar sobre sua prática, diz como trabalha as questões raciais junto com conteúdos da Biologia:

Eu trabalho os conceitos, as teorias científicas como uma parte do processo educativo né. Elas são elementos centrais pro ensino, os conceitos, as teorias. Eu não ensino essas teorias pra eles, porque quem faz isso são os outros professores que trabalham na Biologia. Então o que eu faço é entender essas teorias só como parte dos conteúdos curriculares que eles vão trabalhar no ensino médio.

Há algo de interessante neste trecho, que é a possibilidade dos conceitos da Biologia poderem ter mais sentido para os/as graduandos/as, se forem pensando juntos também, por exemplo, com as questões raciais, que fazem parte do nosso cotidiano. Aqui também, voltamos à questão, que se os/as outro/as professores/as do bacharelado em suas disciplinas trabalhassem com alguns conceitos juntamente com a questão racial, poderíamos começar a acreditar que a educação das relações étnico-raciais compõe de verdade o projeto deste curso de Biologia.

Finalizando essa parte, quero trazer uma reflexão que pode ajudar a pensar sobre a formação de professores/as e biólogos/as no ensino superior de biologia e a educação das relações étnico-raciais:

Portanto, o debate sobre a necessidade de uma formação específica ou geral, na minha opinião, passa para segundo plano, pois é um tipo de discussão que, ou passa dos limites (chegando à exaltação), ou paralisa a discussão fundamental. Mais que “estar preparado”, no sentido de “antecipado” a alguma situação educativa particular, o que conta, o que vale a pena, é estar disponível, estar aberto, à existência dos outros. (SKLIAR, 2015, p.22)

Penso que é uma reflexão cabível à temática deste texto, pois considero a necessidade de se formar professores/as de Ciências e Biologia e biólogos/as disponíveis às questões raciais e não preparados/as para tal. Logo, a educação das relações étnico-raciais é importante ser compreendida como um processo fundamental na formação destes profissionais como sujeitos. É a formação de professores/as, por exemplo, onde é importante a presença de sujeitos abertos/as às questões raciais e não meramente prontos/as para se tematizar sobre tais questões.

Não me incumbe determinar quais as práticas ideais para o Ensino Superior de Biologia que busca se comprometer com a educação das relações étnico-raciais. Porém, considero que uma prática comprometida será aquela que buscará estabelecer relações entre a questão racial e os diferentes conteúdos de Biologia do ensino superior, ou os diversos conteúdos de Ciências da educação básica. Como nos diz Gomes, ainda há:

A idéia de que não é da competência da escola discutir sobre temáticas que fazem parte do nosso complexo processo de formação humana. [...] a crença de que a função da escola está reduzida à transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, como se estes pudessem ser trabalhados de maneira desvinculada da realidade social brasileira. (GOMES, 2005, p. 146).

Se essa é uma ideia ainda presente na escola, também a é no ensino superior. Em quaisquer ensinamentos é importante que se busque formas de dar sentido ao que se é ensinado na Biologia e Ciências, vinculando os conteúdos da área com fatos da realidade brasileira, incluindo a questão racial. Isto, porque penso que trabalhar com a educação das relações étnico-raciais não é um tema, não é um campo à parte de tudo. É compreender que podemos nos reeducar também revisando os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento, como a Biologia.

Verrangia faz uma provocação sobre a seleção dos conteúdos que serão ministrados nos cursos de formação de professores/as de Ciências a fim, dos mesmos serem dispositivos para educação das relações étnico-raciais:

Cabe ainda mencionar a necessidade identificada de que os cursos de formação de professores de Ciências ajudem a questionar os processos de seleção de conteúdos. Geralmente, no contexto escolar, tal seleção parte de conteúdos conceituais preestabelecidos, presentes em livros, textos e ementas para a definição de procedimentos de ensino. Analisando as interações entre ensino de Ciências e educação das relações étnico-raciais, verifica-se a necessidade de se inverter tal lógica. Para educar relações étnico-raciais é necessário definir de antemão valores e posturas a serem desenvolvidos pelos estudantes, para depois selecionar conteúdos conceituais e procedimentos de ensino adequados a tal propósito. (VERRANGIA, 2010, p.716).

Essa inversão da lógica é algo importante para se pensar tanto no ensino superior de Biologia como no ensino de Ciências e Biologia na educação básica. Assim, pode-se partir do entendimento que são os conteúdos conceituais que vão ajudar a auxiliar no processo da educação das relações étnico-raciais. Quando se busca inverter a lógica, selecionando primeiramente os valores importantes para a educação das relações étnico-raciais, constroem-se sentidos diferentes para os conteúdos de ciência e Biologia, assim como sentidos outros para quem está se formando como professor/a de ciências e biologia ou biólogo/a. São estes sentidos que farão com que a questão racial não se constitua numa listagem de conteúdos, e sim num viver que a sociedade brasileira está necessitando.

Por que uma inversão epistemológica?

Chegamos ao ponto que venho mais me esforçando a refletir no momento. Skliar, ao falar da questão da normalidade, faz referência à necessidade de uma inversão epistemológica:

Significa, em síntese, inverter aquilo que sempre foi considerado o(s) problema(s) - o(s) *problema(s)* dos surdos, o(s) *problema(s)* dos deficientes mentais, o(s) *problema(s)* dos cegos etc.; enfim, é preciso fazer uma análise que questione aquilo que é julgado o habitual, o óbvio em um momento e um espaço histórico-político determinado. (SKLIAR, 2003, p.165).

É uma citação que me faz refletir sobre algumas questões quando se trata de pensar a educação das relações étnico-raciais, o ensino superior de Biologia e o ensino de Ciências e de Biologia na educação básica. Não há dúvida da necessidade dos cursos de Biologia trabalharem com a educação das relações étnico-raciais^v. Como reivindicações históricas do Movimento Negro, é fundamental que seja atendida, até por que:

Os movimentos sociais têm como intenção política atingir de forma positiva toda a sociedade e não somente os grupos sociais por ele representados. Em sociedades pluriétnicas e multirraciais como o Brasil, os avanços em prol da articulação diversidade e cidadania poderão ser compreendidos como ganhos para a construção de uma democracia, de fato, que tenha como norte político a igualdade de oportunidades para os diferentes segmentos étnico-raciais e sociais e supere o tão propalado mito da democracia racial. (GOMES, 2012, p. 106).

Nesta superação do mito da democracia racial a partir da educação, algo me chama mais atenção neste momento, que é o questionamento do que é habitual, ou do que foi inventado para ser habitual. O habitual aqui é o próprio ensino superior de biologia, bem como o ensino de ciência e de biologia na educação básica. Questionar esses habituais é compreender a importância de se construir outras visões, não para se tornarem modelos, mas para continuarem também sendo questionadas.

Por isto, que simplesmente inserir uma disciplina no curso pode não ajudar a enxergar a educação das relações étnico-raciais como esta aprendizagem entre negros e brancos, incluindo a construção de outros valores. Podemos correr o risco de a disciplina ser reduzida a uma temática. Como salienta Gomes:

O trato da questão racial no currículo e as mudanças advindas da obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nos currículos das escolas da educação básica só poderão ser considerados como um dos passos no processo de ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira se esses não forem confundidos com “novos conteúdos escolares a serem inseridos” ou como mais uma disciplina. Trata-se na realidade, de uma mudança estrutural, conceitual, epistemológica e política. (GOMES, 2012, p. 106).

É um pensamento que também serve para pensar os currículos do ensino superior, como o de Biologia. Aposto em se rever a própria estrutura deste ensino a fim de acontecer uma mudança conceitual, epistemológica e política neste espaço da Biologia. Para quê se

ensina ou se aprende Biologia no ensino superior? Para quem são formados/as todos os anos professores/as de Ciências e Biologia? Para quem se ensina ou se aprende Ciências e Biologia na educação básica? Para quem ensinar determinado conteúdo? Podemos ensinar determinado conteúdo de outras formas?

Por isso, creio que se não houver estes questionamentos e outros, a educação das relações étnico-raciais pode se restringir a apenas uma disciplina, não tirando a importância da presença de tal. E os/as professores/as, que não lecionarão a disciplina? E as outras disciplinas, que não terão suas ementas alteradas? Aposto na construção de outro olhar ou olhares para a Biologia, no ensino superior e na educação básica, baseado no que Filé nos convida a pensar:

Se é verdade que o nosso olhar é o resultado de construções da/cultura a partir das imagens que nos são "familiares", com que o nosso olhar está familiarizado? Será que esta familiarização não é o resultado de uma "didática" da produção de uma determinada maneira de ver? Será que vemos o que podemos ver ou será que só vemos o que já sabemos ver? Será que não estamos presos a determinados pontos-de-vista (que são lugares criados pela perspectiva clássica para nos colocar num determinado lugar e prevenir da possível curiosidade da nossa visão?). (FILÉ, 2011, p.6).

Será que não podemos começar a ver o ensino de Biologia, de Ciências de outros pontos de vista que não mais o que vem em sua maioria sendo posto? Seria demais imaginar que as diferentes pessoas que constroem um curso de Biologia sentassem no intuito de se comprometerem com a educação das relações étnico-raciais? Os/as professores/as não são os/as únicos responsáveis. Temos os Conselhos e as Associações que também são parte de um conjunto. Pensando na educação básica, os/as professores/as também não são os/as únicos responsáveis. Existe uma estrutura própria que cobra que determinados conteúdos sejam lecionados.

O caminho em problematizar diferentes ensinamentos que englobam a Biologia me parece um modo de pensar na possibilidade que a educação das relações étnico-raciais torne-se uma vivência efetiva na educação básica e no ensino superior. Como bem lembra Gomes:

O silêncio diz de algo que se sabe, mas não se quer falar ou é impedido de falar. No que se refere à questão racial, há que se perguntar: por que não se fala? Em que paradigmas curriculares a escola brasileira se pauta a ponto de "não poder falar" sobre a questão racial? E quando se fala? O que, como e quando se fala? O que se omite ao falar? (GOMES, 2012, p. 105).

Em que paradigmas curriculares o ensino superior de Biologia se baseia a ponto de "não falar" sobre a questão racial? Este para mim é um ponto provocador de reflexões. É assim que vejo o porquê se fazer uma inversão epistemológica: questionar esses paradigmas, e não simplesmente deixar a questão racial a cargo possivelmente de um/a professor/a do curso

de Licenciatura. Do mesmo modo, esta é uma pergunta que pode ser feita ao currículo de Ciências e de Biologia da educação básica.

Considerar uma inversão epistemológica passa por acreditar na educação das relações étnico-raciais como ruptura epistemológica no sistema educacional. Em se tratando tanto do ensino superior de Biologia como do ensino de Ciências na educação básica torna-se importante o repensar e superar uma visão eurocêntrica ainda muito presente.

Nesse processo, a superação da perspectiva eurocêntrica de conhecimento e do mundo torna-se um desafio para a escola, os educadores e as educadoras, o currículo e a formação docente. Compreender a naturalização das diferenças culturais entre grupos humanos por meio de sua codificação com a ideia de raça [...] e compreender a ressignificação e politização do conceito de raça social no contexto brasileiro são operações intelectuais necessárias a um processo de ruptura epistemológica e cultural na educação brasileira. Esse processo poderá, portanto, ajudar-nos a descolonizar os nossos currículos não só na educação básica, mas também nos cursos superiores. (GOMES, 2012, p. 108).

Com isto não quero dizer que os currículos do ensino superior de Biologia não possuem nenhuma utilidade, mas sim, entrar num movimento de pensar nas superações que sejam necessárias para que outros conhecimentos como os da questão racial, possam pertencer ao currículo. Quer dizer, que diante de mundo racista, por exemplo, a Biologia, não poderá ser revista? O ensino superior de Biologia não está à parte do mundo, assim como o/a estudante numa aula de Ciências ou de Biologia na educação básica.

Fazer uma inversão do ponto de vista epistemológico talvez seja importante para rompermos com a mesmidade que habita provavelmente o ensino superior de Biologia. Skliar faz uma provocação necessária sobre essa questão da mesmidade:

E existe uma concepção liberal que nos obriga a olhar a norma como algo que sempre esteve ali. Sempre no sentido de que a mesmidade parecesse ser dona de um desejo tão natural quanto milenário de ser comparado, de ser cotejado, de ser medido, estudado. Sempre, porque a mesmidade não deseja outros espelhos a não ser os próprios. Sempre, porque a mesmidade quebra os espelhos que não lhe são próprios. (SKLIAR, 2003, p. 170).

O que sempre se fez ou se faz, e aqui coloco o silêncio da questão racial, não é algo normal, com o qual não se possa ter uma atitude crítica. Esse modo sempre, esta mesmidade, pode não permitir que se vejam outras possibilidades para o ensino superior de Biologia, para formação de professores/as e biólogos/as, e para o ensino de Ciências na educação básica. Parafraçando Skliar, que outros espelhos possam ser construídos neste sentido. Como o autor destaca:

Que permita desvanecer-nos para criar uma pedagogia outra. Uma pedagogia do acontecimento [...]: uma pedagogia descontínua que provoque o pensamento, que retire do espaço e do tempo todo saber já disponível; que obrigue a recomeçar do zero, que faça da mesmidade um pensamento

insuficiente para dizer, sentir, compreender o que acontecer; que emudeça a mesmidade. (SKLIAR, 2003, p. 200).

Pode-se recomeçar do zero no ensino superior de Biologia? E no ensino de Ciências e de Biologia na educação básica? São possibilidades que passam por estarmos abertos/as à superação da mesmidade. Com certeza é um esforço e um exercício de pensar de quais formas poderá ser produzido outros ensinamentos de biologia e de ciências. Penso em esforço e exercício, pois pode parecer mais fácil lidar com o habitual, do que com o que nos provoca. Mas, acredito na escolha pelo o que nos provoca, nos acontece, como ponto de partida para esse pensar.

Alinhando alguns pontos

Por que não indagar como a questão racial continua de forma geral ser um silêncio no ensino superior de Biologia? Também na educação básica acredito que o silêncio seja algo que predomine, considerando que os/as professores/as presentes, em sua maioria são formados em cursos que não trabalham com a questão racial de forma geral.

A existência de docentes, como a pesquisa apontou, que já procuraram e hoje procuram trabalhar com a questão racial, especialmente nos cursos de licenciatura em Biologia, faz admitir que tais docentes estão pensando um ensino de Biologia diferente. Além disto, tem uma questão importante que é a formação de professores/as com quem estes docentes trabalham. Estamos precisando e continuaremos precisando de professores/as de Ciências e Biologia disponíveis e abertos/as a assumir um compromisso com a educação das relações étnico-raciais.

Não existe, a meu ver, a possibilidade de encaixe do ensino superior de Biologia ou do ensino de ciências num modelo. Acredito na construção de outros olhares para estes ensinamentos. Olhares outros no sentido de torná-los abertos à questão racial nos diferentes conteúdos. Esforçar-se no sentido de construir outros olhares é caminhar no questionamento do que foi inventado, fabricado como “tradicional” e como o habitual dentro do ensino superior de biologia e do ensino de ciências e de biologia da educação básica. Se nos desfamiliarizarmos com estes olhares, e acredito que já existam pessoas dispostas, poderemos enxergar diferentes possibilidades para estes distintos ensinamentos que compõem a Biologia.

Portanto, aposto numa inversão epistemológica para se pensar a vivência da educação das relações étnico raciais nos cursos de Ciências Biologia e nas disciplinas de ciências e biologia na educação básica. Um exemplo a ser colocado em questão é a priorização dos

conhecimentos científicos e estes desconectados da realidade brasileira, onde entre tantos fatos sociais, se insere o racismo.

Tornar efetivo um compromisso com a educação das relações étnico-raciais anda junto com o questionamento do que o habitual dentro das estruturas do ensino superior de biologia e do ensino de ciências na educação básica pode ser empecilho a tal compromisso.

Que possamos superar o que é considerado normal dentro dos conteúdos do ensino superior de biologia e do ensino de ciências e de biologia na educação básica. Que se possa trabalhar para formação de professores/as de ciências e biologia e biólogos/as implicados/as com a educação das relações étnico-raciais. Considero que o ensino de Biologia e de Ciências como está hoje de forma geral, não está permitindo reflexões sobre este mundo racista e desigual. E não que o ensino de biologia seja o mais importante para reflexão deste mundo. Mas, como uma parte de nossas vidas como professores/as de Ciências, biólogos/as e docentes do ensino superior, é importante que a ele sejam dados outros sentidos. E porque não começar a partir da educação das relações étnico-raciais, fundamental e emergencial num país que faz racista todos os dias, não sendo saudável para sujeitos negros e brancos?

Terminando o texto, que superando a mesmidade, o ensino de ciências e biologia possa nos recolocar no mundo de outra forma, onde os diferentes conhecimentos e não somente os científicos possam ter sua importância. Que o ser professor/a de ciências e de biologia e ser biólogo/a estejam acompanhados de um compromisso com práticas fora de modelos. Que possamos nos redescobrir como sujeitos fora das salas de aula e dos laboratórios. Por uma inversão epistemológica que nos mova em direções outras, mas lembrando de que a necessidade da construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária, menos discriminatória e menos racista, é de fundamental importância para a edificação de outro projeto de sociedade já reivindicado pelo os que nos antecederam.

Referências

- CNE/ CP 3/2004. *Parecer nº3 /2004 de 10 de março de 2004*. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>>. Acesso em 11 abr. 2014.
- FILE, Valter. *Imagens e Movimentos*. Disponível em: <http://www.academia.edu/7975861/Imagens_e_Movimentos0_Valter_Fil%C3%A9>. Acesso em: 15 abr.2015.
- GOMES, Nilma Lino. *Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos. Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, jan./abr. 2012. Disponível em:

<<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>>. Acesso em: 18 abr.2015.

_____. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele. *Superando o Racismo na Escola*. 2 ed.rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 143-154. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2015.

OLIVEIRA, Iolanda de. Entrevista com a professora Iolanda de Oliveira. *Revista Teias*, Rio de Janeiro v.14, n.34, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1593>>. Acesso em 17 mar.2015. Entrevista concedida a Maria Alice Rezende Gonçalves e Elielma Ayres Machado.

SKLIAR, Carlos. Incluir as diferenças? Sobre um problema mal reformulado e uma realidade insuportável. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, v. 1 n.1 fev-mai. 2015. Disponível em:<<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/11724>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

_____. *Pedagogia (improvável) da diferença*. E se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VERRANGIA, Douglas. Cidadania, relações étnico-raciais e educação: desafio e potencialidades do ensino de Ciências. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n. 3 set-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n3/v36n3a04.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

ⁱ Mestre em Educação pelo PPGEDUC/UFRRJ

ⁱⁱ Ver: VERRANGIA, Douglas. A Educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos. 2009.

ⁱⁱⁱ Ver: VERRANGIA, Douglas. A Educação das relações étnico-raciais no ensino de Ciências: diálogos possíveis entre Brasil e Estados Unidos. 2009.

ⁱⁱⁱ Por exemplo, na pesquisa de Tavares intitulada Estudo sócio-histórico da formação docente em Ciências Biológicas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1968-1986), a autora fornece informações como o curso de Ciências Biológicas UFRRJ, foi estruturado a partir de outros cursos, como UNICAMP, UFMG, USP, UFRJ.

^{iv} Núcleo de Estudantes Negras e Negros da Universidade Estadual de Feira de Santana.

^v As Instituições de Ensino Superior, a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, deverão incluir em seus diferentes cursos, a Educação das Relações Étnico-Raciais.